

Diversão & Arte



RITMO de ÓPERA e

de HIP HOP

» NAHIMA MACIEL

Foi enquanto escutava o disco *Amarelo*, de Emicida, em plena pandemia, que a soprano Aida Kellen começou a amadurecer a ideia de criar um espetáculo capaz de misturar linguagens tão distantes no tempo quanto o canto lírico e a música urbana contemporânea. A mistura de gêneros, que ela percebeu no trabalho de Emicida, inspirou a cantora, a conceber um trabalho capaz de refletir sobre questões femininas, dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao longo dos séculos. Um amigo sugeriu, então, que ela ouvisse um ciclo de quatro canções chamado *Cabaret Songs*, com música de Benjamin Britten para poemas de Wystan Hugh Auden. “São canções que falam de uma perspectiva do que é o amor, o que seria a verdade sobre o amor, o amor romântico, o platônico e o real”, explica Aida. “A gente foi, então, fazendo essa costura da ópera com o hip-hop”, conta a soprano, que convidou a rapper e poeta Lídia Dallet para compor peças que ajudassem a compor o espetáculo *Libertinas*.

Em cartaz hoje no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), essa mistura de ópera e hip-hop leva a assinatura do coletivo MousikêFemme, que conta com a pianista Duly Mittelsteldt, com a flautista Diana Mota e com a baterista e percussionista Luciana Oliveira,

além de Aida e Lídia. “A Lídia tem uma sensibilidade e uma poética maravilhosas”, avisa Aida. Durante o processo de criação, a soprano e a rapper trabalharam em constante diálogo para criar uma mistura inusitada. *Libertinas* é dividido em duas partes. Na primeira, as canções de Britten fazem par com *I’m a stranger here myself*, de Kurt Weil e, na segunda, árias de óperas de compositores como Puccini, Mozart, Donizetti e Haendel fazem par com o hip-hop de Lídia. “A gente costura os séculos passados com a história que o hip-hop traz de resistência e potência cantado por uma mulher preta, compositora e poetisa”, avisa Aida.

Libertinas narra histórias de mulheres, figuras fictícias que encarnam realidades de épocas diferentes, porém comuns. “São temáticas que se repetem, como relações tóxicas, abusivas, mas, ao mesmo tempo, são mulheres fortes que, de alguma forma, saem daquilo”, garante Lídia Dallet. Esse link, ela acredita, dialoga muito

ESPETÁCULO
**LIBERTINAS DO
COLETIVO DE MULHERES
MOUSIKÊFEMME PROPÕE
MISTURA DE LINGUAGENS
PARA CONTAR A HISTÓRIA
SOB O OLHAR FEMININO
AO LONGO DOS
SÉCULOS**

com as narrativas do rap feito por mulheres. “É uma temática densa, mas necessária de ser falada”, diz a rapper. “Também trazemos outras questões, como a liberdade do corpo, as mulheres revolucionárias, que eram tidas como putas, vulgares, inadequadas.”

Para Lídia, há uma ponte entre o hip-hop e a ópera, e ela está no fato de que os dois gêneros contam histórias. Os primeiros contatos da rapper com a música erudita vieram, principalmente, da escuta do rádio durante a infância. “Eu sou uma pessoa que ainda está aprendendo sobre música erudita, mas a ópera é um conjunto de músicas com temas que contam uma história e a gente vem contando essa história, a gente fala do amor. Aida traz esse tom do canto erudito e eu venho com uma irreverência, quebrando alguns protocolos”, conta.

Formada em flauta transversal erudita, Diana Mota acredita que *Libertinas* é uma forma de transgredir um gênero musical e de propor um olhar

para questões que há séculos marcam a vida das mulheres. “É uma possibilidade de trabalhar uma música que é diferente e inusitada. O espetáculo é uma forma de se libertar, uma forma de se mostrar que nós, mulheres, juntas, temos o poder de transformação, de escolhas, isso num país que tem essa questão do patriarcado, no qual mulheres ainda dependem dos homens. É uma forma artística de demonstrar que somos livres”, diz.

Para Aida, o projeto traz ainda a possibilidade de deslocar a ópera de uma cena classicista e elitista. Ao dialogar com o hip-hop, o gênero pode acabar por encontrar públicos com os quais não costuma se deparar. Quando o hip-hop encontra a ópera, o objetivo comum de contar histórias se moderniza. “A ópera é uma arte que tem transcendido séculos, quando a gente amarra com um movimento que também conta a história de um povo, e um povo que tem sua maioria no Brasil, um povo negro, de resistência, a gente percebe que esses estilos não estão tão longe um do outro”, garante a cantora.

**LIBERTINAS –
ÓPERA E HIP HOP**

Hoje, às 19h, no Teatro do CCBB.
Ingressos gratuitos mediante
retirada no site bb.com.br/cultura
e na bilheteria física.
Classificação indicativa Livre.